CURRÍCULO: MOVIMENTOS DE "PROFESSORES OUTROS" NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Francine Nara de Freitas - Centro Universitário UNIVATES
Angélica Vier Munhoz - Centro Universitário UNIVATES
Mariane Inês Ohlweiler - Centro Universitário UNIVATES

O presente texto apresenta fragmentos de uma pesquisa de Mestrado em Ensino, defendida em março de 2016, no Centro Universitário UNIVATES, cujo objetivo foi pensar algumas possibilidades de movimentos de professores de Educação Infantil no currículo escolar. Para tanto, foram criadas algumas figuras que tensionam os modos de produção deste currículo, a partir de diferentes experimentações. Professores outros, que puderam ser pensados como turistas, devoradores, habitantes, rachadores e transbordantes, compuseram as figuras que transitam nos cenários escolares. Invenções de uma professora de Educação Infantil, que se afastou de sua prática, para então, através da pesquisa, questionar e provocar pensamentos que norteiam os currículos escolares dos quais se aproxima. Distanciamento necessário, que se estabeleceu na tentativa de evitar representações através de capturas lineares e inventar perspectivas e experimentar outros modos de movimentos no currículo escolar. Tais figuras, puderam ser pensadas em professores estes e não aqueles, pois foram inventados a partir de diferentes experimentações da pesquisadora em questão. Movimentos inacabados, complexos e fragmentados. Ou não! Acabados, simples e contínuos, que se constituem ao longo do processo de invenção do currículo escolar. Movimentos tais, que muitas vezes não podem ser capturados, pois são como devires que desestabilizam o modo contínuo de produzir nossas vidas e o próprio currículo. A presente pesquisa utilizou-se da Cartografia, método de investigação que levou a pesquisadora a estar a espreita e atenta aos movimentos de três professoras da Educação Infantil, pertencentes a rede municipal de ensino de Lajeado/RS. Na ocasião, as professoras trabalhavam em escolas localizada em diferentes bairros da cidade. Foram realizados cerca de dez encontros, com cada uma das professoras, entre os meses de fevereiro a setembro do corrente ano. Como referencial teórico, a investigação aproximou-se dos conceitos e noções abordados por Gilles Deleuze, Félix Guattari, Michel Foucault e seus comentadores. O estudo foi finalizado, compreendendo que, existem inúmeras possibilidades de movimentos no currículo da Educação Infantil e estes são atravessados por aquilo que constitui cada um dos professores como sujeitos em ação constante no cotidiano escolar.

Palavras chave: Currículo. Professores. Educação Infantil

Ao pensar acerca dos movimentos dos professores no currículo escolar, precisamos nos perguntar de que currículo estamos nos referindo e como este foi se constituindo ao longo dos tempos. Não faremos aqui um resgate histórico aprofundado de seu conceito, no entanto, alguns elementos de sua constituição, nos auxiliam a pensar em seus modos de inserção no contexto escolar atual.

O interesse pela ideia de formação do homem, surge com a Grécia Antiga, juntamente com suas invenções e progressos em diferentes áreas do conhecimentos, como o teatro, a retórica, a democracia e a matemática. Gauthier e Tardif (2013, p. 25) acreditam que todas as descobertas realizadas pelos gregos teriam três pontos em comum: "a valorização do pensamento racional; a valorização da palavra; a valorização do ser humano".

A partir desta perspectiva, alguns filósofos, começam a pensar em uma forma de organizar a educação do ser humano. E assim, inventam as escolas para pequenos grupos de discípulos. Posteriormente, durante a Idade Média, Santo Agostinho criou um método de ensino, com o intuito de transmitir diferentes conhecimentos a partir de sete artes, subdivididas em duas partes: *trivium* e *quadrivium*.(idem, p. 27):

> O *trivium* compreende a gramática, a retórica e a dialética... o *quadrivium* agrupa os conhecimentos relativos às coisas, as leis dos números (aritmética), as leis dos astros (astronomia), as leis dos sons (música) e as leis do espaço (geometria). O *trivium* é o currículo de estudos mais comum na época, pelo menos nas escolas catedrais. O *quadrivium* conserva um caráter de luxo e se dirige sobretudo ao ensino superior (GAUTHIER; TARDIF, 2013, p. 65, grifos dos autores).

Diferentemente do período grego, torna-se possível perceber aqui uma maneira mais específica de organização do ensino nas escolas, pois classificam e selecionam alguns conhecimentos a serem trabalhados, buscando-se atingir a aprendizagem. E neste contexto, a igreja tem forte influência naquilo que é ensinado nas escolas daquele período, porém, muito tempo depois, quando o Estado passa a assumir a sociedade como corpo social, cuja produtividade é desejada, a influência da Igreja deixa de ser tão forte na relação com a escola, e o pensamento curricular adquire outras proporções.

No século XIX, o currículo escolar passa a ser entendido como seleção de conteúdos, e a partir dessa noção determina-se os contextos sociais e econômicos dos estudantes, ou seja, alguns estudantes tinham um currículo considerado como clássico e outros, teriam contato com as noções básicas de aprendizagens.

Enfim, a invenção do currículo foi permeada por diferentes noções, e sua produção sofreu variações e adaptações conforme as transições de tempo e espaço. Em 1902, John Dewey escreveu *The child and the curriculum,* livro dedicado aos seus estudos sobre a construção da democracia, os interesses e experiências das crianças e jovens, além da

importância do planejamento curricular (SILVA, 2002). Esse estudo foi considerado um dos primeiros movimentos em torno do currículo escolar e teve forte influência nas pesquisas posteriormente realizadas por Bobbitt no início do século XX. Com Bobbitt, a educação em massa, a partir da escola, foi pensada com base na educação estadunidense. Em 1918, Bobbitt escreve o livro *The curriculum*, tornando-se um marco nos estudos dessa especialidade escolar (idem, 2002).

Goodson (1995, p. 31), ao pensar sobre as etimologias desse contexto, destaca que "a palavra currículo vem da palavra latina *Scurrere*, correr, refere-se a curso (ou carro de corrida)". O currículo pode, então, ser definido como um curso ou caminho a ser percorrido. Atualmente, esse percurso pode ser pensado a partir de diferentes perspectivas, podendo ser caracterizado como listagem de conteúdos, modos de produção, linguagem, plano que organiza e disciplina a escola, discurso, entre outros.

Na escrita deste texto, trabalharemos a noção de currículo como modo de produção, que ao mesmo tempo que compõe algo, pode também descarrilhar a escola em seu cotidiano. Entende-se o currículo como um conjunto de práticas que produzem e são produzidas constantemente pelos sujeitos, bem como por tudo aquilo em seu entorno que se toma como verdade.

Ao pensar os movimentos dos professores no currículo da Educação Infantil, nos deparamos com pensamentos que nos cutucam e nos fazem repensar algumas práticas escolares. Quando a professora solicita que as crianças de três anos, levantem a mão, pedindo a palavra na roda de conversa, ou quando organiza uma fila, para levar o grupo da sala de aula até o refeitório, está produzindo, modos de um currículo escolar. As cenas descritas sobre uma rotina da Educação Infantil, no qual há alguém que orienta as crianças o tempo inteiro, transportando-as de um espaço a outro da escola, se configuram como momentos corriqueiros de qualquer outro nível de ensino. No entanto, a maneira como as crianças pequenas são reguladas e disciplinadas, pode se tornar mais expressiva e contundente, do que nos demais níveis. De um modo geral, suas resistências ao sistema tendem a passar desapercebidas, pois tendem a ser obedientes ao sistema.

Essa relação do corpo disciplinado pode ser pensada de maneira muito específica nas relações dos professores com o currículo, pois de alguma maneira, esses sujeitos estão presos a um sistema e a um pensamento linear que interfere em suas ações. É possível se afastar do currículo vigente, mas não é possível divorciar-se dele. O professor está submetido a um elo, seja ele regido por legislações, listagens de conteúdos e objetivos a serem alcançados ou qualquer outro tipo de norma estabelecida por alguém ou grupo de pessoas. Ao

mesmo tempo, ele também interfere e constrói para si, micro sistemas que também produzem o currículo. Para Foucault (2013),

> A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos 'dóceis'. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma 'aptidão', uma 'capacidade' que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeito estrita (FOUCAULT, 2013, p. 134)

Fora desse contexto rígido de disciplina, sob outra perspectiva, quando o professor deixa as coisas escaparem, teria outra maneira de experienciar o tempo e o espaço nos encontros com as crianças, conforme suas necessidades de criação e também dos pequenos, e não simplesmente para adequação e cumprimento de uma rotina aprisionada em si mesma. Não se trata de afirmar que a rotina precisaria ser banida, mas sim de ser problematizada e pensada de outra maneira.

Berticelli (2003), nos leva a pensar no currículo como uma construção:

> Partindo do pressuposto de que currículo é construção, subentende-se que as várias formas que assume obedece a discursividades diferentes, que habitam filosofias resultantes das intencionalidades que o produzem, nos diferentes tempos e nos mais diferentes lugares. (BERTICELLI, 2003 p. 159)

Nesse sentido, a partir desta ideia de currículo, como produção e invenção de si e dos outros, a presente pesquisa procurou perceber alguns movimentos de três professoras de Educação Infantil, de modo a compreender possíveis fissuras e atravessamentos no currículo, fora da lógica da disciplinarização. A pesquisa foi realizada no município de Lajeado, RS, em três escolas, localizadas em diferentes bairros. Os encontros com as professoras que colaboraram com a pesquisa, ocorreram com uma periodicidade quase semanal entre os meses de fevereiro e setembro de dois mil e quinze. A investigação teve como principal objetivo acompanhar movimentos de tais professoras no currículo, para tanto, perguntou-se: de que modos diferentes figuras de professor podem movimentar-se na produção do currículo da Educação Infantil?

Para procurar relações no decorrer da investigação, criaram-se figuras que andam pelos espaços escolares e movimentam o currículo ao seu modo. Figuras que não são fechadas em si mesmas, pelo contrário, a partir de um determinado elemento - seu nome - criam possibilidades ínfimas de atravessamentos escolares. Eis que surgem as professoras turista, habitante, devoradora, transbordante e rachadora.

As figuras em questão, foram inventadas antes e durante a pesquisa de campo, que se deu através da Cartografia. Atualmente a Cartografia é considerada como um método de

pesquisa e foi criada por Deleuze e Guattari (2011), a partir de uma apropriação do conceito oriundo da área da Geografia:

> O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 30)

Por esta perspectiva, cartografar os movimentos das professoras no currículo da Educação Infantil, nos possibilitou um grande desafio, pois foi necessário que nos colocássemos a espreita e atentas a todo e qualquer movimento, na intenção de montar e desmontar o mapa, fazendo conexões com aquilo que nos afetava. Possibilidades de produção de currículos. Nesse sentido, vamos pensar as figuras:

Aquela professora que assume uma personalidade de turista, pode estar disposta a conhecer ou visitar novamente a escola, sob diferentes perspectivas: com sua câmera fotográfica nas mãos, vai adentrando no espaço e fotografando tudo aquilo que deseja guardar em suas lembranças: curiosidades, belezas, dúvidas, hipóteses e determinações. Lembranças de crianças que brincam, de professores que estudam, ou de flores que florescem em um jardim. Enfim, fotografias daquilo que a move. De outro modo, a professora poderia ser uma turista guiada por indicações alheias ou por um mapa turístico que guia cada um de seus passos e a conduz a ver apenas aquilo que é conhecido como belo. Logo, as fotografias seriam capturas de predisposições já antes selecionadas por alguém ou por algo, como a gestão ou o sistema escolar.

Quando não somos turistas, podemos ser habitantes. Habitar os espaços escolares e constituir com eles - espaços - o currículo. Um desafio para quem já está dentro da escola por mais de três meses, afinal de contas, depois deste período, se faz necessário a aquisição de um outro visto, não mais de turista. Mesmo que seja um visto de estudante, a professora passará a habitar determinar espaço. E quando se habita, muitas vezes se deseja organizar o ambiente, colocando cada coisa em seu lugar; ou de um modo diferente, poder-se-ia distribuir as chaves da casa para qualquer pessoa e assim, dificilmente, tal organização seria a mesma ao longo da estadia. Aquele que habita também pode criar vínculos e/ou relações de desprezo, por parte de determinadas pessoas, pois está há tanto tempo no mesmo local, que passa a ser conhecido e a conhecer as demais personalidades que com ele habitam, ou mantém contato através das relações de vizinhança.

O desprezo pelo local pode se dar também pela sua decoração, pela forma como móveis e objetos estão dispostos ou pela forma como as demais pessoas habitam o espaço. Ser

habitante pode ser uma forma de vida que perpassa diferentes percepções e modos de ver e interagir com o entorno.

Por vezes, a professora pode se tornar uma devoradora no currículo escolar, pois devora tudo aquilo que deseja consumir em sua essência: o ensino, a aprendizagem, a criança, os colegas de trabalho… devora até mesmo a si mesma. Quando se devora é porque se tem fome. Que fomes teriam as professoras? Fome. Coma. Coma a fome e o que atravessa os caminhos delas: uma afirmação, muitas perguntas e nenhuma ideia. Fomes tantas que por vezes se torna difícil encontrar a solução para acabar com o problema. Professora com fomes. Coitada! Desesperada! Coitada, nada! Mata tua fome com o desejo de saciá-la. Logo, a fome não se coloca na ordem da falta, mas sim do desejo, do movimento oportuno de um desejo em desespero.

Há também a professora transbordante, que como uma garrafa repleta de vinho, transborda sabores e aromas sobre a mesa. Pode transbordar pela insistência de uma criança, que deseja sair da sala e ir brincar no pátio; pela produção intensa dos relatórios de avaliação ao final de cada semestre; ou ainda pelo conjunto de alegrias vivenciadas a cada dia. Um transbordar pode ocorrer de diferentes modos, sem que necessariamente tenhamos certezas de como ocorreu, mas podemos supor algumas possibilidades, como perguntas, esvaziamento de si e o desejo de esvaziar o outro. Loucura em transbordamento, estouro, vazamento ou fissura. Palavras que se conectam com aquilo que não coube mais nessa professora, portanto, que a enlouqueceu ou a fez vazar por alguma de suas extremidades, contagiando também as crianças.

O ato de devorar que vai além do mero ato de alimentar-se. Trata-se de satisfazer-se de forma ansiosa, com ímpeto de força, de modo a acelerar o processo de alimentação. A fome quase devora aquele que se alimenta antes deste alimentar-se. Pode ser a vontade de que tudo aconteça no contexto da escola. De que o tempo seja aproveitado ao máximo, ou ainda, de que as crianças tudo aprendam.

E por fim, mas não menos significante, a professora rachadora. Que racha tudo! Racha a instituição escolar; a avaliação; o currículo; os objetivos que muitas vezes não fazem sentido aos alunos; a rotina que dificilmente muda; os cartazes em material emborrachado, preservados para que estejam em bom estado de utilização no próximo ano... Professora que movimenta a alegria, o desconforto, a leveza, a provocação, o que flui e se conecta, e move até mesmo a fissura. Sujeito disposto a desprender-se do mesmo e de si.

E quando pensamos que tudo está acabado, eis que surge a mistura, a junção, a mudança, a metamorfose, o momento do êxtase não capturado por uma câmera fotográfica,

tampouco habitado por alguém, ou devorado até as migalhas. Experiência em que o camelo, cansado de carregar o fardo dos valores morais e negar seus desejos e sua vida, se transforma em leão. Animal este com maior força, voracidade, que nega os valores do camelo. Por fim, o leão transformado em criança, que, em sua inocência, não sente culpa e cria os próprios valores (NIETZSCHE, 2011). Forças muitas, condensadas em um espaço que vazou, que pôde dispensar as velhas e quase perenes práticas.

O camelo não renuncia a si mesmo e não carrega mais para o deserto os pesos do dispositivo curricular. "O que é pesado? Assim pergunta o espírito resistente, e se ajoelha, como um camelo, e quer ser bem carregado" (NIETZSCHE, 2011, p. 27). Camelo que passa pela metamorfose: "o espírito se torna leão, quer capturar a liberdade e ser senhor em seu próprio deserto" (NIETZSCHE, 2011, p. 28). Algo passou a acontecer: uma mistura de leão e deserto em ferocidade incontrolável, transformando o professor daquele instante em dois, três... No desejo de dominar a si próprio e criar outras possibilidades de movimentos no currículo. Em meio a tantas resistências, o leão transforma-se em criança, e "o espírito quer agora *sua* vontade, o perdido para o mundo conquista *seu* mundo" (NIETZSCHE, 2011, p. 29). Linhas em composição que cruzaram caminhos, transgrediram ou reafirmaram noções e racionalidades da produção curricular. Movimentos que podem produzir e ser produzidos pelo ser professor. Ora um, ora outro, ora muitos.

Rachadora, transbordante, turista, habitante e devoradora, figuras que trouxeram, de um modo ou de outro, fragmentos da representação e do identitário professor, no entanto, estiveram sempre atreladas à ideia de dobra e ao conceito de devir. Corazza (2013) fala sobre uma proposta de pensamento de Deleuze acerca do teatro, que não tem nada a ver com o teatro clássico, e que trago aqui para pensar o devir professor a partir das figuras acima criadas:

> A proposta deleuziana é produzir um movimento de pensar, capaz de colocar o espírito fora de toda representação; fazer desse movimento uma obra, sem interposição; substituir os signos diretos pelas representações mediadas; inventar vibrações, rotações, gravitações, que atinjam diretamente o espírito (CORAZZA, 2013 p. 173).

A ideia de movimento produzida por Deleuze levou-nos a sacrificar algumas das perspectivas sobre o professor, momentos em que buscamos tensionar as representações por possibilidades, invenções e vibrações desse mesmo sujeito. Nesse sentido, as figuras criadas para pensar os movimentos das professoras no currículo da Educação Infantil produziram algo-outro a partir das próprias ações. Por acreditar, juntamente com Masschelein e Simons (2013), que não existe apenas um lugar para o professor, que como artista pode compor sua própria obra, é que finalizamos esta escrita:

> O professor é uma figura sem um lugar adequado em uma ordem social, e é, portanto, uma figura pública (como são os artistas, por exemplo). O professor é uma figura que, de uma forma ou de outra, sempre cai fora da ordem estabelecida (O professor não é "real"). Consequentemente, o professor sempre desestabiliza a ordem estabelecida – ou melhor: sempre a suspende ou a torna inoperante de alguma forma (MASSCHELEIN; SIMONS, 2013, p. 133).

Quando o professor deixa as coisas escaparem, tornando-se figura pública e caindo fora da ordem estabelecida, experiencia-se em tempos e espaços diversos de encontros com as crianças, conforme suas necessidades de criação e também as dos pequenos, e não simplesmente para adequação a um currículo aprisionado em si mesmo. Não se trata de afirmar que o currículo precisaria ser banido, mas sim problematizado e pensado de outras maneiras. Modos tantos de movimentar-se em currículos que também se deslocam e fazem rizomas constantemente.

Lugares e possibilidades de conjunturas no currículo escolar permitem que nos mantenhamos vivas enquanto problematizadoras da Educação Infantil. Muito mais do que pensar os movimentos das professoras que se envolveram nesta pesquisa, estivemos imbricadas em tudo aquilo que produzimos.

REFERÊNCIAS

BERTICELLI, Ireno. In: **O currículo nos limiares do contemporâneo**. COSTA, Marisa Vorraber (org)3. ed. Rio de Janeiro: DPeA, 2003.

CORAZZA, Sandra Mara. **O que se transcria em Educação?** Porto Alegre – RS; UFRGS; Doisa, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Volume 1. Tradução Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011 (2ª edição) 128p.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 41. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

GAUTHIER, Clermont; TARDIF, Maurice (Orgs.). **A pedagogia**: teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

GOODSON, Ivor F. **Currículo**: teoria e história. Tradução de Attilio Brunetta. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola**: uma questão pública. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2002.